

# O CASAMENTO DO SÉCULO: Orgulho e Preconceito de Jane Austen

Iara Kessia Barbosa<sup>1</sup>

Odília Cardoso<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo enfoca na análise da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen no intuito de mostrar como a autora se beneficiou da sua escrita para descrever e criticar a sociedade em que vivia. Situamos na perspectiva da pesquisa bibliográfica para discutir a temática casamento na transição do século XVIII ao XIX. Buscamos fundamentação teórica com Vasconcelos (1995), Amaral (2014), Barros (2013), Biguelini (2013) Zardini (2011), dentre outros. Esta análise literária está dividida em três seções: Na primeira seção apresenta-se um panorama sobre a temática em questão, que é o casamento e o papel da mulher na sociedade. Na segunda seção utiliza-se passagens do livro e apresenta-se a personagem analisada. Na terceira seção é apresentado as opiniões da personagem sobre casamento e como nascer homem era uma questão de sorte, além da visão que se tinha de que todas as mulheres eram prendadas. Na sequência conclui-se com algumas reflexões à cerca da análise realizada na obra. A finalidade deste artigo então é abrir possibilidades de reflexão sobre a posição da mulher na sociedade e como Jane Austen as abordou em sua obra.

**Palavras-chave:** Jane Austen. Casamento. Mulher.

## INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos, as mulheres tem conquistado cada vez mais seu espaço na sociedade, entretanto, nem sempre foi assim. Na história da humanidade a mulher é geralmente vista em segundo plano. Na maioria das vezes como uma auxiliadora em questões sociais e domésticas quando solicitado. E é através de obras de representatividade sociocultural que é possível identificar essas questões e estudar o comportamento social dos povos passados. Como por exemplo, no século XVIII, quando as mulheres eram ensinadas a serem boas filhas, para depois se tornarem boas esposas e mães. Em meio a essa sociedade, surgiu uma das autoras mais lidas e discutidas da passagem dos séculos, porque apesar de ter nascido no século XVIII, Jane Austen só publicou seus livros no século XIX.

O presente artigo tem como objetivo analisar a obra *Orgulho e Preconceito* da autora britânica Jane Austen, que viveu na transição do século XVIII para o XIX. Para tanto, este artigo está dividido em três seções. Na primeira seção discutiremos o papel do casamento no período histórico em que viveu Jane Austen, e qual papel a mulher exercia naquela sociedade. É importante entender qual o contexto que a autora vivia para associar com a sociedade descrita por ela em seus livros, e principalmente na obra analisada. A autora escrevia com muita sutileza e ironia sobre pessoas comuns, que viviam na zona rural, ou seja, seu ambiente familiar. Na segunda seção foi apresentado um breve resumo da obra escolhida para análise, fala-se também sobre a linguagem utilizada pela autora, e tem-se um pequeno deslumbre do comportamento social da personagem escolhida para análise, Elizabeth Bennet. Já na terceira seção expõe-se com trechos do livro, a opinião e o comportamento de Elizabeth referente à temática

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Língua Inglesa pela Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, campus Altamira-PA. Email: kiaraacavalcante@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPGLSA/UFPA). Email: odiliacardoso86@gmail.com

casamento, e como nascer homem naquele período era considerado uma questão de sorte, além da visão de que todas as mulheres eram ou deveriam ser prendadas.

Para o desenvolvimento deste artigo, buscamos fundamentação teórica em autores que discutem a temática casamento na transição dos séculos e suas contribuições para o contexto da época. Destacam-se, dentre outros: Amaral (2014) Barros (2013) Pacheco e Souza (2011) Zardini (2011) e Vasconcelos (1995) que abordam a temática casamento e representatividade de personagens femininas criadas por Austen. Buscamos, portanto, ao longo deste artigo, trazer reflexões sobre a importância do livro escrito por Jane Austen, que ao trazer personagens reais, demonstra que ela não ignorava a situação da mulher em seu contexto histórico, e mais ainda sua indignação com o papel determinado a elas pela sociedade.

## **1. PANORAMA DO CASAMENTO**

### **1.1 *Casamento e sociedade***

No final do século XVIII a Inglaterra era a maior potência mundial e marítima. A Revolução Industrial Inglesa que ocorreu no final do mesmo século trouxe mudanças sociais e econômicas. Esse desenvolvimento aconteceu rapidamente e por causa destas mudanças, ficou conhecido como o século das invenções. Com o aumento populacional do campo para os centros urbanos, se fez necessário criar mecanismos que acelerassem as produções. Com essa revolução, surgiu uma nova classe social, e com as guerras surgiram novos meios de se adquirir riquezas, entretanto, “o fruto mais importante dessa revolução industrial, porém, é o proletariado inglês” (ENGELS, 2010, p.60), ou seja, os operários que trabalhavam nas fábricas incluindo homens, mulheres e crianças:

Com a expansão urbana, o crescimento da indústria, a crescente especialização de habilidades, muitas das tradicionais tarefas femininas estavam sendo assumidas pelas novas classes profissionais [...] a fiação, a tecelagem, a produção de alguns produtos de consumo (como pão, cerveja e velas) deixaram de serem atividades domésticas, de competência das mulheres da casa, para se tornarem atividades industriais, desempenhadas pelos homens nas fábricas (VASCONCELOS, 1995, p. 88).

Então foram criadas máquinas para que atividades reconhecidas na época como atividades exclusivamente femininas fossem realizadas em maior quantidade e mais rapidamente gerenciadas por homens. E com a transferência do trabalho rural para a cidade, houve uma grande migração, alterando assim o meio em que as famílias conseguiam sustento. Com essas mudanças, o meio social também sofreu alteração. Se antes as mulheres deveriam cuidar apenas da casa e dos filhos, agora a necessidade era que trabalhassem juntamente com seus filhos e maridos nas fábricas, para ajudar no sustento da família. Ainda assim “por causa da nova estrutura econômica capitalista, as mulheres tinham no casamento uma das poucas ocupações legais à sua disposição” (VASCONCELOS, 1995, p.87).

Com todas essas mudanças, a Revolução Industrial trouxe a tona de maneira mais incisiva o papel da mulher na sociedade. A mulher era retratada como um ser inferior ao homem, tendo que lhe ser submissa em questões políticas, econômicas, educacionais, sociais dentre outras esferas. Com relação às mulheres que se

encontravam ainda solteiras em idade ‘apropriada’<sup>3</sup>, a expectativa para conseguir um bom casamento<sup>4</sup> era alta. Em contrapartida se não tivessem uma determinada posição socioeconômica, as chances tornavam-se baixas. As mulheres deveriam ser “pacientes, modestas, humildes e delicadas; não deviam almejar conhecimento ou aspirar à vida intelectual e nem amar antes de serem amadas; uma vez casadas, deviam aos seus maridos obediência e submissão” (VASCONCELOS, 1995, p.94).

A ideia de educação utilizada em toda a Europa era influenciada pelas ideias iluministas, pois pensadores e burgueses tinham muito em comum. Um dos maiores críticos do Iluminismo foi o filósofo Jean Jacques Rousseau, que inclusive, embasou a linha de educação social daquela época. Elen Biguelini, doutora pela Universidade de Coimbra, afirmou, que para Rousseau a mulher deveria ter uma educação que a auxiliasse a ser boa esposa e mãe, e uma vez que seu trabalho era esse, não tinha necessidade da mesma ser educada com os mesmos conhecimentos científicos e naturais que um homem da época tinha acesso. A posição de Rousseau sobre as mulheres na sociedade é perceptível, no Livro V de *Émile*, “prescreve a educação de Sofia, vista como um acessório na vida de Emílio.” (BIGUELINE, 2012, p. 54).

Algumas variações de casamento ainda resistem, porém, o mais comum, em países ocidentais e países colonizados por eles, é o casamento monogâmico. Para o cristianismo, seguindo os ensinamentos da sua respectiva igreja, o marido deve ter apenas uma esposa, e os filhos que advirem desse casamento são considerados filhos legítimos. E como era apenas através do casamento reconhecido pela igreja que nascia a descendência legítima, amantes e seus respectivos filhos não eram reconhecidos nem pela sociedade nem pela igreja. No cristianismo ainda, o representante do lar é o homem, e a mulher está sujeita ao marido, como consta em Efésios 5:22-23 “vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja”.

Sendo assim, o casamento “era visto como a única forma de uma mulher conseguir ascensão econômica e social, em uma sociedade rigorosamente estratificada” (MADELLA E MILESKI, 2018, p.536), ou seja, o único meio de uma mulher conseguir certa liberdade, era através do casamento, no ato de sair da casa dos pais, para se unir ao marido, que na época era tido como o *cabeça* da família, isto porque “uma das dificuldades das mulheres naqueles dias era conseguir um marido para obtenção de poder social, o que implica dizer que o casamento no século XVIII era uma necessidade econômica para as mulheres.” (PACHECO E SOUZA, 2011, p.3). O matrimônio concretizado entre pessoas que tinham a mesma posição financeira era apreciado e realizado para manter o legado e assim obter estabilidade financeira, perpetuando uma espécie de entrelaçamento considerado sagrado pela sociedade da época.

## **1.2 Casamento, Morgadio e dote**

No período de transição entre o século XVIII e XIX, houve um regime chamado Morgadio ou Morgado, que teve sua origem em Portugal. Esse regime tinha como principal objetivo garantir a passagem direta do patrimônio para os homens da família, ou seja, quando o patriarca da família falecia, os seus respectivos bens e nome de família passavam diretamente para o domínio do filho primogênito ou para o parente de

---

<sup>3</sup> O termo foi utilizado para explicitar que para a época existia uma idade certa para se casar, e que ao passar dessa idade, a mulher não tinha mais esperança de conseguir um marido.

<sup>4</sup> O termo bom casamento se refere à situação econômica e social de um homem ou mulher.

sexo masculino mais próximo na árvore genealógica. O Morgado tinha o intuito de garantir que o nome e os bens de uma determinada família se perpetuassem, além de impedir o empobrecimento da mesma ao garantir que não fosse permitida a venda ou divisão destes bens. Amaral (2014) corrobora ao enfatizar que esse sistema garantia que a fortuna continuasse na família e seu nome se estendesse por gerações, impedindo assim que a propriedade fosse partilhada com a família da esposa.

Além desse regime, existia outra característica marcante sobre o casamento nesta transição de séculos chamada de dote<sup>5</sup>, no qual um determinado valor era recompensado pelo pai da moça ao noivo, que representava uma espécie de presente. Outra questão em evidência neste período era sobre o valor, uma vez que quanto maior o dote, maior a chance de se conseguir um *bom casamento*, pois “todo e qualquer bem que traziam para o casamento, em forma de dote, passava automaticamente para as mãos do marido” (VASCONCELOS, 1995, p.86). Segundo Bigueline (2012) uma das razões pelas quais o dote é tão importante e ganha notoriedade nas tramas de Austen é pelo seu papel estabilizador que ele tem na vida da família recém-formada.

O homem era o responsável pela manutenção financeira da casa se eximindo de questões subjetivas. Já as relações sociais eram de competência da mulher como, por exemplo, a organização de jantares e festas, o ato de receber bem os convidados e se atentar sempre ao bem-estar de todos. Estes momentos de interação social e de relativa subjetividade representavam as “qualidades” da mulher estabelecidas pela sociedade da época. Se uma determinada mulher não soubesse como se comportar em público, e não atendesse às expectativas sociais, os maridos seriam culpados, por não terem “domínio” sobre suas esposas já que elas “tinham que ser instruídas na arte da conversa, adequação de vestuário e cuidados domésticos” (VASCONCELOS, 1995, p.90).

### **1.3 Romancista radical**

Jane Austen foi uma escritora que nasceu em Steventon, interior de Hampshire, na Inglaterra em 1775, final do século XVIII, e faleceu em 1817, início do século XIX. Ela era filha de um clérigo e tinha seis irmãos e uma irmã. Sua irmã Cassandra era sua confidente e melhor amiga. Seu pai era tutor e pároco, ele também dava aulas particulares, e possuía uma biblioteca considerável. Austen não teve uma vida comum, e segundo Seixas (2011) *apud* Barros (2013, p. 29) “Austen teve uma educação formal reduzida e passou poucos anos em escola; muito do que aprendeu foi dentro do lar com os exemplares da biblioteca de seu pai”. Sua família não possuía uma renda satisfatória, o que ocasionou após a morte de seu pai, uma vida de dependência da bondade e consideração de seus irmãos. Situação que se reconfigurou após a publicação dos primeiros livros de Austen o que gerou sua própria renda.

Austen era uma observadora nata, e soube se beneficiar disso. Foi também uma ávida leitora, sempre muito perfeccionista com seus livros, e exemplo disso foi a obra *Orgulho e Preconceito* que inicialmente foi escrita em 1797 e chamava-se *Primeiras Impressões*. Austen, porém, não ficava satisfeita e sempre fazia alterações, finalmente em 1813 a obra foi então finalizada e publicada. Em seus livros, criou um panorama da época em que vivia, e neles ela ainda critica as regras sociais vigentes “Austen nunca os ofende diretamente: ela simplesmente os caracteriza de maneira caricatural, para que

---

<sup>5</sup> Dote é a transferência de propriedades dos pais, como presentes, dinheiro ou outros bens quando ocorre o casamento de uma filha. O dote contrasta com os conceitos relacionados de preço de noiva e contradote. (Fonte: *Enciclopédia Britânica*)

seus leitores não sintam por eles nem simpatia nem admiração” (PINA, 2018, p.10). A seguir temos algumas considerações:

Houve algumas romancistas, entretanto, que conseguiram construir uma imagem alternativa de mulher. Sem de fato desafiar a hierarquia social ou a estrutura política [...] apesar da censura social, algumas dessas romancistas assumiram a responsabilidade de defender a mulher e seu direito à leitura séria, a interesses mais amplos e ocupações intelectuais como parte também da esfera feminina (VASCONCELOS, 1995, p. 98).

Jane Austen foi uma dessas mulheres, que ao escrever seus romances, se utilizou de personagens femininas independentes, contrariamente ao que a sociedade da época em que ela vivia pregava. Apesar do tema central de seus livros abordarem o casamento, Austen criticava os costumes em relação às mulheres ao descrever personagens radicais.

Como o tema abordado em todos os seus livros era casamento, e mais precisamente um *bom casamento*, todas as suas personagens passavam por vários obstáculos até chegarem *ao feliz para sempre*. Nota-se a preocupação de Austen em dar um final feliz para as personagens, diferentemente do que aconteceu com ela mesma na sua vida pessoal. É de conhecimento público que após a morte da autora, seus familiares queimaram muitas de suas correspondências. Entretanto, nas que restaram, é possível saber, por exemplo, que Jane Austen chegou a “flertar” discretamente com um rapaz durante umas férias em Bath. Talvez muitos leitores não saibam que Jane quase se casou com um jovem chamado Thomas Lefroy, o motivo do casamento não ter acontecido, teria sido a família do rapaz, que não aceitava Jane por motivos sociais e econômicos, ela então não teria aceitado fugir com ele, terminando assim com seu grande amor. Afirma-se que Austen chegou a ficar noiva durante algumas horas de um rapaz conhecido de sua família, chamado Harrys Bigg-Wither, porém após a decisão supostamente impensada de Jane, ela voltou atrás e rejeitou o pedido.

Após vermos um pouco mais sobre a vida amorosa de Jane Austen, podemos entender melhor de onde surgiu tanta inspiração, não obstante que sua vida se parecia tanto com seus personagens. É por tanta determinação em não se deixar vencer pela autoritária sociedade em que vivia, em que a moça deveria se casar a qualquer custo, que Austen rejeitou fugir com a pessoa que amava, sem o aval da família, e rejeitou um pedido de casamento por não sentir nenhum afeto pela pessoa que teve a coragem de lhe fazer o pedido. Apesar de usar a ironia e a sátira em seus livros, é possível notar o quanto o assunto casamento era algo constante em Austen. Em seus livros ela trouxe personagens com características além de seu tempo. Ao dar às suas personagens um final feliz, Jane demonstra que ela mesma queria ter tido algo assim, ter sido sempre ela mesma, com a mesma liberdade que proporcionou às suas personagens.

Ao escrever sobre a situação de Elizabeth, em outras palavras, ela estava também estava escrevendo sobre ela. Elizabeth adorava dançar, sua escritora também. Elizabeth adora caminhar, Jane Austen também. Assim como Elizabeth tinha Jane, Austen tinha Cassandra [...] O mais significativo é que Austen deu a Elizabeth suas próprias características mentais: uma grande sagacidade e um senso de humor aguçado. [...] (DERESIEWICZ 2011, p.60)

Como afirmado anteriormente, Elizabeth Bennet é uma das personagens mais marcantes de Jane Austen, e segundo Deresiewicz, Elizabeth poderia ser considerada quase um autorretrato da própria autora. É notável como Austen conseguiu passar para uma personagem características próprias que ficaram tão marcantes, e é o que nos leva a afirmar que Austen não tinha o comportamento adequado para a época. Apesar de provavelmente ser mais reservada, seus pensamentos impressos em seus livros nos deixam maravilhados. Nesse contexto descrever-se-á características voltadas ao casamento e respectivo comportamento social de Elizabeth Bennet, protagonista de

*Orgulho e Preconceito*, livro de maior representatividade literária de Jane Austen entre os séculos XVIII e XIX. Notar-se-á também que a personagem não se comporta como o esperado pela sociedade, resultando numa série de consequências indesejadas. Sua irreverência e constante questionamento são fortes características presentes na obra, assim como será detalhado na próxima seção.

## 2. ORGULHO E PRECONCEITO

### 2.1 *Enredo, tempo e espaço*

*Orgulho e preconceito*, inicialmente chamado de *Primeiras Impressões* é um dos primeiros livros que Austen escreveu, todavia, foi um dos últimos a serem publicados. Entre os seus seis maiores sucessos, esta obra contém o maior número de reproduções cinematográficas e é inspiração para muitos autores da atualidade.

O romance narra à história da família Bennet, que vivia no interior da Inglaterra no início do século XIX. A família Bennet era composta pelo pai, o Sr. Bennet, a mãe, a Sra. Bennet, e suas cinco filhas: Jane, Elizabeth, Mary, Kitty e Lydia. A protagonista da história é a segunda filha mais velha do casal, Elizabeth, que possui um comportamento diferenciado das suas demais irmãs e mulheres da sua época. Elizabeth, Eliza ou Lizzy, não concorda com o papel da mulher na sociedade, e reage de maneiras diferentes das esperadas pelo decoro e regras sociais vigentes no período em que vivia. O maior sonho da Sra. Bennet é ver todas as suas filhas bem casadas. Afinal, por serem todas mulheres, não herdariam nada do pai, pois os bens passariam para o parente varão mais próximo.

Ao alugar uma mansão no condado, Charles Bingley, jovem herdeiro de uma família rica de Londres, causou grande alvoroço nas famílias que possuíam jovens solteiras, principalmente na família Bennet. Durante a realização de um baile, a Sra. Bennet logo tratou de apresentar suas filhas ao novo visitante, e juntamente com o Sr. Bingley vieram suas duas irmãs, seu cunhado e seu melhor amigo Sr. Darcy. No baile, Bingley se encantou com a filha Bennet mais velha, Jane. Darcy e Elizabeth se encontraram pela primeira vez e tiveram desafeto mútuo, ambos por questões de orgulho e preconceito descrevem as primeiras impressões que têm um do outro.

Enquanto isso, o Sr. Bennet se preocupava por ter tido cinco filhas e nenhum filho. Seus bens assim passariam diretamente para o Sr. Collins, seu sobrinho distante. Ele era um clérigo e dirigia o presbitério de Hunsford, perto de Rosing's Park. Collins precisava de uma esposa para auxiliá-lo e deixar sua protetora Lady Catherine De Bourgh, satisfeita. Então ele viajou para visitar seus parentes e assim propor casamento a uma de suas primas. Entretanto, ao comentar com a Sra. Bennet sobre seu objetivo, ela logo adiantou que Jane, a mais velha, já estava praticamente comprometida, mas que não via nenhuma objeção com a segunda, Lizzy. Na manhã seguinte, após o café, o Sr. Collins decidiu pedir a mão de Elizabeth em casamento, e a resposta recebida não foi a esperada, pois Elizabeth não pensou duas vezes antes de rejeitar tal pedido.

Ao ser rejeitado, Collins propôs casamento à amiga de Elizabeth e vizinha dos Bennet, Srta. Charlotte Lucas, que prontamente o aceitou, pois nos parâmetros aristocráticos da época, já passava da idade de casar e como a mesma relatou à Elizabeth, *não via motivos para não aceitar tal pedido*, pois a mesma ansiava se casar por segurança financeira. Após o casamento, Elizabeth recebeu de sua amiga um convite para que fosse visita-los. No decorrer dessa visita, Elizabeth encontrou-se

novamente com o Sr. Darcy, que secretamente admirava sua irreverência à figura masculina, além de se sentir fascinado pela encantadora naturalidade com a qual parecia discordar de tudo e de todos. Darcy decidiu pedir a mão de Elizabeth em casamento, convencido de que ela aceitaria, e qual não foi a grande surpresa quando ela o rejeitou.

Após diversos encontros e desencontros, Elizabeth e Darcy se reencontram durante uma viagem que ela fazia com os tios quando eles pararam para conhecer a famosa propriedade de Darcy, em Pemberley. Durante esses dias, Darcy parecia muito diferente desde o último encontro com Elizabeth, quando ela rejeitou seu pedido de casamento. Estava sendo inclusive, atencioso com seus tios. Enquanto estava lá, Elizabeth foi informada através de uma carta escrita por Jane, que sua irmã caçula Lydia tinha fugido com um oficial, ao ouvir essa notícia, Darcy se sentiu de certa forma culpado pelo acontecimento e decidiu, secretamente, resolver essa situação que poderia arruinar para sempre o nome e a honra da família Bennet e assim impossibilitar que suas filhas conseguissem um bom casamento.

Posteriormente à resolução do escândalo que Lydia causou, Elizabeth soube do papel que Darcy exerceu para a solução do problema, e após grande conflito interior e críticas aos seus próprios preconceitos, passou a ver Darcy com outros olhos. Lady Catherine De Bourgh ameaçou Elizabeth para que não se casasse com seu sobrinho, pois ela intencionava casá-lo com sua filha. Elizabeth a respondeu com tamanha ousadia ao dizer que decidiria o que lhe bem aprouvesse, e que ela não faria promessa nenhuma a ninguém e ainda, que a opinião de Lady Catherine ou de qualquer outra pessoa no mundo não era de seu interesse. No desfecho da história, Bingley volta para o condado após ser instruído por Darcy a seguir seu coração, e se casa com Jane. Ao mesmo tempo em que Darcy retorna e pede a mão de Elizabeth novamente em casamento.

## **2.2 Linguagem**

Fazendo alusão ao título inicial desta obra, as *primeiras impressões* que um leitor tem desta história é que se trata de um romance, no qual a personagem principal enfrenta alguns conflitos para alcançar seu objetivo de vida, casar-se com seu pretendente. A autora, no entanto, nos convida a adentrar os costumes e tradições do século XIX através de sua linguagem descritiva e polida, estabelece uma crítica sutil e bem-humorada e, que apesar de aparentemente muito educada e elegante desvenda em detalhes nos seus personagens o tom de hipocrisia e ironia que ronda a ideia de casamento na sociedade vitoriana.

O livro *Orgulho e preconceito* descreve detalhes da vida cotidiana de pessoas que moravam na zona rural, afinal, Austen se inspirou no meio em que vivia, e não criou fantasias em seus livros, algo característicos dos escritores da época. A autora se utiliza de segundas intenções, então ao ler seus livros, um leitor atento encontrará diversas críticas à forma de viver da época, o papel da mulher na sociedade, uma visão geral de como a sociedade reagia a tudo que era diferente e tudo foi escrito por uma mulher, como afirma (ZARDINI, 2011, p. 166) “Jane Austen utiliza uma vasta gama de exemplos da sociedade inglesa de sua época em todos os seus livros. Em graus diferentes, é possível perceber todas as classes sociais.” Austen conhecia bem sua forma de escrita, leitora voraz e perfeccionista. Ela conseguiu fazer com que a vida real se

tornasse interessante aos olhos dos leitores, trazendo personagens que se assemelhavam muito com os próprios leitores, fazendo com que eles se identificassem com suas obras.

Pode-se então dizer que “as obras da escritora inglesa surgem como algo diferente, inovador, com características conflitantes e embaralhadas, se mostrando assim ao mundo de forma completamente destoante do que já havia sido visto.” (BARROS 2013, p. 33) Por esse e outros motivos vale afirmar que Jane Austen tinha uma mente, um intelecto a frente de seu tempo. Em seu livro, a autora nos revela como a sociedade da época funcionava, e o quanto era conservadora. A forma que Jane encontrou de criticar a sociedade disfarçadamente foi abordar o tema mais recorrente de forma irônica e sagaz, o casamento. Ou seja, ao invés de ser apenas mais um livro romântico, igual aos que estavam surgindo, Austen aproveita a temática para criticar o papel da mulher na sociedade, como uma mulher que não vivia na pobreza, mas também não fazia parte da alta sociedade.

### ***2.3 Irreverência à flor da pele***

Não era apenas com palavras que Elizabeth se comunicava ou demonstrava o que pensava, mas muitas vezes com o olhar, com um sorriso ou um gesto. Durante uma festa, foi convidada por Sir William para dançar com o Sr. Darcy, proposta que foi veementemente rejeitada por Elizabeth, pois não sentia nada além de antipatia pelo Sr. Darcy, porém, após rejeitar, “Elizabeth lhe lançou um olhar malicioso e virou-se. A sua resistência não ofendera Mr. Darcy; pelo contrário, ele estava pensando na moça com certa complacência, quando foi abordado por Miss Bingley”. (AUSTEN, 1982, p.30)

Em outra ocasião, após ser noticiada de que sua irmã estava doente na casa do Sr. Bingley, imediatamente Elizabeth se dirigiu até lá, e como o plano de sua mãe era deixar Jane por mais tempo na casa do Sr. Bingley, foi-lhe negada à carroça com os cavalos. Elizabeth não sabia andar de cavalo, então se viu obrigada a ir a pé, entretanto essa condição não foi impedimento, “Elizabeth continuou sozinha, atravessando campo após campo, pulando cercas e saltando por sobre poças d’água, com impaciência, e afinal encontrou-se a pouca distância da casa, com os tornozelos doídos, as meias sujas e o rosto corado” (AUSTEN, 1982, p.36).

Qual teria sido a intenção de Jane Austen ao descrever essa aventura de Elizabeth? Pode-se notar que o espírito ativo de Elizabeth não era admirado pelas pessoas que a conheciam. Se Elizabeth tivesse o comportamento comum para as moças da época, ela teria obedecido sua mãe e teria ficado em casa, todavia, Elizabeth não era uma moça comum com atitudes comuns, ela tinha uma forte personalidade e pela preferência que tinha do pai, se comportava com muita liberdade.

Elizabeth decidiu então ir a pé, sozinha. Esse comportamento não era permitido, pois as moças deveriam sempre estar acompanhadas. Austen descreve que a personagem atravessou campos, pulando cercas, um verdadeiro escândalo, pois quem pulavam cercas eram os porcos. Elizabeth tinha escolhido ir andando, mas durante o percurso ela perdeu a paciência com a distância, e ficou emburrada, um comportamento característico de crianças. Ao se aproximar da casa, ela já estava suja, com os pés doendo pelo longo exercício. O fato de ter se apresentado toda suja e corada foi uma surpresa para todos. Uma moça só ficava corada na presença de um possível pretendente, e esse era um de seus charmes.

Como dito anteriormente, tal comportamento era inadmissível, e todos ficaram muito surpresos com semelhante atitude, principalmente com o estado lastimável em que ela se apresentou perante eles, que eram da alta sociedade. Imediatamente as irmãs do Sr. Bingley começaram a critica-la:

— Nada tem, em suma, que a recomende, senão ser uma excelente andarilha. Nunca esquecerei de como nos apareceu hoje de manhã. Parecia quase uma selvagem.

— É verdade, Louise, quase não pude impedir-me de rir. Que absurdo ela ter vindo. Que sentido tem vir correndo pelo campo só porque a irmã apanhou um resfriado? O cabelo dela estava tão desarrumado, tão despenteado!

— Sim, e a saia dela? Espero que você tenha visto. A barra estava toda suja de lama.

— Andar três ou quatro milhas, ou cinco milhas, ou lá o que seja, com os tornozelos metidos na lama, e sozinha, inteiramente sozinha! Que significa isto? Parece-me mostrar um conceito abominável de independência, uma indiferença toda campestre à mais elementar decência<sup>6</sup>. (AUSTEN, 1982, p.38, 39)

Os comentários feitos nesta passagem deixam claro o desprezo que sentiram pelo comportamento adotado por Elizabeth. Para elas, era inconcebível que Elizabeth tenha feito tudo isso apenas para visitar a irmã que tinha pegado um resfriado. Quando a Srta. Bingley fala sobre uma *independência abominável*, ela está se referindo ao comportamento de Elizabeth, que incomodava pela falta de reverência e respeito aos bons costumes. As mulheres não tinham liberdade de escolha, e o fato de Elizabeth ter saído de casa, andando sozinha, foi considerado um escândalo pelas irmãs de Bingley, que prezavam mais que tudo pelos bons costumes e decoro.

Já o relacionamento com o Sr. Darcy passou por várias fases, e até mesmo Elizabeth não sabia afirmar com certeza o que sentia por ele, pois as ações dele mudavam a cada encontro. Após um convite para dançar feito pelo Sr. Darcy, Elizabeth o rejeitou novamente e respondeu de uma forma muito audaciosa e inteligente. Eis os sentimentos que teve após a resposta dele, “Elizabeth, que tencionava ofendê-lo, ficou espantada com a amabilidade. Mas havia no tom dela um misto de doçura e de malícia que dificilmente ofenderia alguém”. (AUSTEN, 1982, p.53)

Elizabeth tinha o dom de responder de forma audaciosa, mas respeitosa, e usava sua inteligência para confundir àqueles que não entendiam seu real ponto de vista. Ela usava de artimanhas e alterava até o tom da voz, para que a mensagem não fosse recebida com impacto, mas que mesmo assim causasse confusão no receptor.

Haviam momentos também em que não conseguia se conter como as damas da época deveriam. Sr. Collins, herdeiro pelo morgadio de todos os bens dos Bennets, veio visita-los com o propósito de encontrar a esposa ideal entre as primas. Ele tinha se convencido de que pelo fato de futuramente receber os bens, e de liderar uma paróquia, nenhuma prima lhe rejeitaria:

A ideia de que Mr. Collins, com toda a sua solenidade, pudesse ser levado pelos sentimentos provocou no espírito de Elizabeth tamanha hilariedade<sup>7</sup>,

---

<sup>6</sup> Pode ser substituído por decoro.

<sup>7</sup> Nessa passagem, hilariedade pode ser entendida como uma risada sarcástica pela situação em que se encontrava, ao ouvir o inapropriado pedido de casamento do primo.

que ela não pôde utilizar a curta pausa que se seguiu a fim de procurar detê-lo. (AUSTEN, 1982, p.101)

A reação de Elizabeth com certeza não foi a esperada pelo primo, pois agitou-se com a menor idealização daquela ideia que para ela soou absurda. Os pontos apresentados por seu primo durante o pedido causavam um misto de horror e diversão em Elizabeth. Ao rejeitar o pedido, seu primo continuou insistindo dizendo que entendia das *artimanhas femininas* ao negar um pedido quando na verdade o queriam aceitar, mas preferiam se fazer de “difícil”<sup>8</sup>. Depois de dizer nitidamente que não tinha intenção de aceitar o pedido, Elizabeth perdeu a paciência e o espírito de diversão que estava sentindo:

— Realmente, Mr. Collins — gritou Elizabeth, com vivacidade —, o senhor me surpreende. Se o que eu lhe disse até agora pode lhe parecer um encorajamento não sei de que maneira lhe exprimir a minha recusa de maneira a torná-la convincente. (AUSTEN, 1982, p.104)

Após receber uma resposta negativa, Collins continuou insistindo, dizendo que entendia os charmes de sua prima. Elizabeth então perde a paciência e grita com ele, uma atitude inigualável, que exprime o quanto as moças da época eram sufocadas por pedidos de casamento que não lhes agradavam e como tinham que conter quaisquer sentimentos porque precisavam demonstrar respeito acima de tudo.

Jane Austen construiu uma personagem que tinha atitude, pensamentos próprios e sabia quando deveria utilizar de sua audácia para refutar algo que não estava de acordo com suas crenças. Elizabeth Bennet surpreende pela coragem de ser ela mesma em uma sociedade que não oferecia liberdade às mulheres, e que tentava ao máximo silenciar qualquer indicio de independência. Sua astúcia fascina, afinal, responder de forma inteligente seus receptores no intuito de desarmá-los não era tarefa fácil.

### 3. DIREITOS E COSTUMES DA ÉPOCA

#### 3.1 *Elizabeth Bennet*

Como mencionado na seção anterior, Elizabeth Bennet era a segunda filha mais velha da família Bennet. Ao analisar suas falas, comportamentos e ações percebe-se sua personalidade forte, e que não reagia como o esperado por todos em sua época. Era inclusive reconhecida por tal comportamento. Na casa em que vivia, Lizzy era cercada de livros, e claramente se inspirava muito em seu pai, ao qual tinha certa preferência por ela, “nenhuma delas tem muito o que se lhes recomende — respondeu Mr. Bennet. — São tolas e ignorantes como as outras moças. Mas Lizzy é realmente mais viva do que as irmãs. (AUSTEN, 1982, p.10)

Ao ter a preferência do pai, Lizzy se concedia certa liberdade. Pode-se então supor que seja esse o motivo de seu comportamento tão radical e diferente, inclusive de sua irmã e melhor amiga, Jane. A protagonista da história não tinha medo de dizer o que sentia ou pensava, e esperava o momento oportuno para dizê-lo. Diferente das suas irmãs e moças do seu convívio, Lizzy não tinha ambição, nem nenhuma pretensão em se casar, porém acreditava firmemente que deveria acontecer por amor, ou por afeto.

Austen entrega personagens característicos do período em que se encontrava, com visões e opiniões que nos informam sobre como a sociedade funcionava no final do

---

<sup>8</sup> A concepção de ser difícil após rejeitar um pedido, entende-se que era um charme feminino.

século XVIII e início do século XIX, como por exemplo, a Srta. Charlotte Lucas, que preveniu Elizabeth à cerca do comportamento de Jane, com um possível pretendente o Sr. Bingley:

— Talvez seja agradável — replicou Charlotte — poder enganar o público em tais casos, mas às vezes é desvantajoso ser tão reservada. Se uma mulher esconde a sua afeição com igual habilidade daquele que constitui o objeto dessa afeição, pode perder a oportunidade de conquistá-lo [...]. Em noventa por cento dos casos, uma mulher deve mostrar mais afeição do que a que realmente sente. É evidente que Bingley gosta da sua irmã, mas ele poderá nunca passar disto se ela não o auxiliar.

— Mas Jane o auxilia tanto quanto a sua natureza o permite. Se eu posso perceber a preferência que ela tem por ele, ele seria um homem bem simplório se não o descobrisse também. (AUSTEN, 1982, p. 25)

Esse comentário acerca da mulher ser reservada é nitidamente o que se esperava dela, não demonstrar sentimentos, porém, deveria ajudar o futuro pretendente demonstrando a ele o quanto ela o estimava. Obviamente Elizabeth não concordava com essa visão, e principalmente no caso, a sua tímida irmã Jane, devesse auxiliar Bingley para que ele notasse seus sentimentos, que eram claros para ela. E as discussões relacionadas ao tema casamento entre Elizabeth e Charlotte continuam:

— Seu plano é bom — replicou Elizabeth — quando está em jogo apenas o desejo de se casar bem; e, se eu estivesse decidida a arranjar um marido rico, ou um marido qualquer, seria este o plano que adotaria [...] Há quinze dias apenas que ela o conhece. Dançou quatro vezes com ele em Meryton e o viu uma vez na sua própria casa. Além disso, jantou com ele em companhia de outras pessoas quatro vezes. Não é bastante para formar juízo acerca do seu caráter. (AUSTEN, 1982, p.26)

Para Elizabeth as intenções de Jane eram genuínas, apesar da mesma ainda não ter certeza de seus sentimentos, pois conhecia o Sr. Bingley a pouquíssimo tempo. Entretanto o pensamento de Charlotte era diferente:

[...] e creio que se ela se casasse com ele amanhã, teria tanta probabilidade de ser feliz como se passasse um ano a estudar-lhe o caráter. A felicidade no casamento é apenas uma questão de sorte. Mesmo que os noivos conheçam mutuamente as suas tendências, mesmo que essas tendências sejam semelhantes, isto em nada contribui para a sua felicidade posterior. As diferenças, que se acentuam com o tempo, são sempre suficientes para que se venha a sofrer o seu quinhão de amargura; é melhor conhecer o menos possível os defeitos da pessoa com a qual temos de passar a vida.

— Você me faz rir, Charlotte; [...] (AUSTEN, 1982, p.26-27)

A reação de Elizabeth quanto à opinião de sua amiga é incomum, pois Charlotte representava o que a maior parte das mulheres da época pensavam, pois eram ensinadas desta forma, de que a própria felicidade residia somente no casamento.

Como já mencionado anteriormente, Jane estava sendo cortejada por um recém-chegado no condado, o Sr. Bingley, um jovem muito rico, e que ao alugar uma casa na região, trouxe consigo duas de suas cinco irmãs, um cunhado e seu melhor amigo Sr. Darcy, amigo esse que era mais rico e mais reservado que ele. Em certa ocasião

Elizabeth foi desprezada por Darcy, e isso a levou se comportar com certa antipatia com ele, mas sempre de bom humor. Ao perceber que ele a observava conversar com os outros, teve esse pensamento incomum “ — Ele é muito sarcástico, e se eu não começar a ser impertinente também, dentro em pouco terei medo dele”. (AUSTEN, 1982, p.27). Nota-se que suas atitudes não condiziam com o decoro da época. Ao ser convidada para acompanhar o Sr. Darcy em uma dança, ela se nega veementemente:

E, tomando a mão de Elizabeth, Sir William a teria dado a Mr. Darcy, que embora extremamente surpreso não se teria recusado a aceitá-la, quando a moça recuou subitamente e disse, um pouco bruscamente, para Sir William:

— Sir William, não tenho a menor intenção de dançar. Suplico-lhe que não suponha que me dirigi para este lado a fim de arranjar um par.

Mr. Darcy, com grande amabilidade, pediu-lhe que lhe concedesse a honra da sua mão; pediu em vão. Elizabeth estava decidida; Sir William tampouco conseguiu abalar a sua decisão com a tentativa de persuadi-la: (AUSTEN, 1982, p.29, 30)

A personagem criada por Austen tinha claramente opinião formada e não se deixada levar por influências exteriores. Esse comportamento era inadequado para a época, pois ao ser convidada para dançar, era de se esperar que a moça imediatamente aceitasse e estivesse disposta e lisonjeada com tal convite. Elizabeth não tinha a intenção de agradar ninguém, principalmente àqueles que a olhavam de forma estranha ou diziam algo desagradável como foi o caso do Sr. Darcy.

### 3.2 *Questão de sorte*

As mulheres não tinham direitos e as leis não as amparavam, exemplo disso era um regime vigente, Morgadio, que era característico da virada dos séculos. Em suas obras e principalmente em *Orgulho e Preconceito*, Austen aborda de forma sutil e contunda esse regime, que impedia que qualquer bem fosse passado para as mãos das mulheres. E no caso dos Bennet, a situação de Morgadio se aplicava, pois eram cinco filhas e nenhum filho:

A fortuna de Mr. Bennet consistia quase que exclusivamente de uma propriedade que lhe rendia duas mil libras por ano. Infelizmente para as suas filhas, esta propriedade estava legada a um parente distante, pois não havia herdeiros masculinos diretos; (AUSTEN, 1982, p.31)

Prontamente, após a morte do Sr. Bennet, os bens passariam para o seu parente masculino mais próximo, Sr. Collins. “ — É do meu primo Mr. Collins, que, quando eu morrer, poderá expulsá-las todas desta casa, assim que o desejar.” (AUSTEN, 1982, p.62) Esse era um dos motivos pelos quais sua esposa, a Sra. Bennet era tão motivada em ver todas as suas filhas casadas, pois não queria que nenhuma delas tivesse que depender da boa vontade desse parente que nem mantinha contato com eles. Ao chegar à casa dos parentes, Sr. Collins já é recebido pela Sra. Bennet com esse assunto que era do interesse de todos:

— É muita bondade sua; espero de todo o coração que as suas previsões se realizem, pois de outra maneira elas se encontrariam numa situação muito difícil. As coisas se arranjam de um modo tão estranho ...

— A senhora alude talvez à sucessão<sup>9</sup> desta propriedade?

— Ah, meu caro senhor, é isto mesmo. O senhor deve admitir que é uma triste situação para as minhas pobres filhas; não que eu o culpe disto, pois sei que estas coisas são uma questão de sorte neste mundo ... (AUSTEN, 1982, p.65)

Austen, por não ter se casado, escrevia sobre o Morgadio com absoluta segurança, afinal, ela, sua irmã Cassandra e sua mãe tiveram que, após a morte do pai, serem sustentadas pelos irmãos. Ao criar essa fala dita pela Sra. Bennet, Austen revela sua opinião sobre este regime. Para ela, *nascer homem era uma questão de sorte*, visto que os homens tinham liberdade e eram os favorecidos pelas leis, sendo até mesmo pelos ensinamentos da igreja vistos como privilegiados.

O sistema claramente não favorecia as mulheres em nada, e um dos maiores exemplos disso em que as filhas não herdavam nada do pai, elas tinham direito apenas ao dote, e que nem ia diretamente para elas, pois ia diretamente para as mãos do futuro marido. A mulher não recebia herança e nem tinha o direito de trabalhar, ou seja, não tinha opções. O sistema de Morgadio garantia que a herança conquistada por gerações continuasse na família passando diretamente para o filho primogênito ou o parente masculino mais próximo.

A herança e bem materiais eram transmitidos sempre ao filho primogênito ou parente mais próximo do sexo masculino, impedindo assim que as filhas recebessem a herança. Na verdade, esse era o sistema legal da época, criado para que a fortuna ficasse sempre em nome da família por várias gerações, e para que não fosse partilhada, caso o pai decidisse dividir as terras e bens entre todos os filhos, incluindo filhas. (ZARDINI, 2011, p. 158)

Esse era um assunto tão importante e característico daquela época, que Jane o abordou em todos os seus livros, descrevendo a forma como esse regime atingia a vida de todos os que não eram agraciados ao nascer homem e primogênito. A finalidade desse sistema era simples, manter a riqueza na família. Entretanto, não durou, pois era comum que os outros filhos ficassem na pobreza, pois somente o primogênito levava o nome da família, ou seja, do pai, e a herança. Assim, com o restante dos filhos sendo prejudicados, esse sistema foi aos poucos deixando de ser utilizado.

### ***3.3 Todas as moças são prendadas!***

Reconhece-se então que os comportamentos de Elizabeth não eram comuns e assustavam ou admiravam alguns. Nota-se a seguir um comentário feito pelo cunhado do Sr. Bingley, o Sr. Hurst:

Mr. Hurst olhou para ela com grande espanto.

— Prefere ler a jogar cartas? — disse ele. — É estranho.

— Miss Elizabeth Bennet — disse Mr. Bingley — despreza os jogos de cartas. Lê muito e não encontra prazer noutra coisa.

---

<sup>9</sup> Referindo-se ao morgadio ou morgado.

— Não mereço nem o elogio nem a censura — exclamou Elizabeth. — Não sou uma grande leitora e encontro prazer em muitas outras coisas. (AUSTEN, 1982, p.40)

O fato de Elizabeth preferir ler ao jogar cartas assusta os seus anfitriões, afinal de contas, como as mulheres não recebiam uma educação formal, não lhes era motivado o cultivo da leitura como entretenimento. O comum era que as moças passassem o tempo livre bordando, cantando, tocando e até pintando. Para as de classe alta, esse tipo de passa tempo, era incentivado para que acompanhassem futuramente o marido para agradá-lo. Ao tocante de habilidades, os diálogos a seguir expõem o ponto de vista masculino e esperado para as mulheres:

— Espanta-me a capacidade que têm as moças de se tornarem tão prendadas — disse Bingley.

— Todas as moças são prendadas! Meu caro Charles, que quer dizer com isto? Disse sua irmã

— Sim, todas desenham mesas, forram biombos e fazem bolsas de tricô. Não conheço uma só moça que não saiba fazer todas estas coisas, disse Bingley

— A sua lista dos talentos comuns — disse Darcy — é verdadeira demais. Mas estou longe de concordar com você no seu julgamento sobre as moças em geral. Apesar do grande número das minhas relações, não posso gabar-me de conhecer mais de meia dúzia de moças realmente prendadas. (AUSTEN, 1982, p.41)

Esse comentário tecido por Bingley, primeiramente revela seu espanto diante da desenvoltura das mulheres. A seguir detalha o que para ele seria uma moça prendada. Seu amigo Sr. Darcy é um pouco mais ríspido, e ao dizer que não conhece muitas moças prendadas, discrimina as que têm esse conhecimento que era um tipo de imposição para as mulheres. Elizabeth está atenta ouvindo a conversa, e na primeira oportunidade lança seu comentário de forma lúcida e impertinente:

— Nesse caso — observou Elizabeth — deve exigir muitas qualidades para o seu ideal de mulher perfeita.

— De fato, exijo muitas qualidades.

— Oh, certamente — exclamou a irmã de Bingley. — Nenhuma mulher pode ser realmente considerada completa se não se elevar muito acima da média. Uma mulher deve conhecer bem a música, deve saber cantar, desenhar, dançar e falar as línguas modernas, a fim de merecer esse qualificativo, e, além disso, para não o merecer senão pela metade, é preciso que possua certo quê na maneira de andar, no tom da voz e no modo de exprimir-se.

— Sim, deve possuir tudo isso — acrescentou Darcy. — E acrescentar ainda alguma coisa mais substancial: o desenvolvimento do espírito pela leitura intensa.

— Já não me espanto de que conheça apenas seis mulheres completas, espanto-me é de que conheça alguma.

— Julga com tanta severidade o seu sexo, que duvida da possibilidade de tudo isto? Disse a irmã de Bingley

— Eu nunca vi uma mulher assim. Nunca vi tanta capacidade de aplicação, gosto e elegância reunidas numa só pessoa. (AUSTEN, 1982, p.41, 42)

Nota-se que Elizabeth não se importava com o que as pessoas pensavam de suas ideias e opiniões, então as dava livremente, pois como citado, as mulheres não deveriam ter, muito menos dar suas opiniões. Acima é possível ter um vislumbre desse comportamento, quando Elizabeth afirma que Darcy deve ser muito exigente, e após ouvir sobre o perfil da mulher ideal, fala abertamente que se espanta ao encontrar mulher com tais “qualidades”. Austen criticava o perfil que a sociedade fazia da mulher perfeita, e não acreditava que fosse possível agregar tantos adereços em uma pessoa só.

Uma das características mais marcantes de Jane Austen era criar personagens tão reais, com comportamentos reais e, além disso, com personalidades tão diferentes e tão características das pessoas próximas a ela. Através dessas citações, vislumbra-se que Elizabeth chocava a todos pela coragem, liberdade intelectual, moral e firmeza no que acreditava. Ela não pensou duas vezes antes de recusar dois pedidos de casamento, aos quais ela não sentia nada além de indiferença. Elizabeth não se incomodava com a ideia de não se casar, nem pensava em como viveria após a morte do pai, pois ela jamais se submeteria a um casamento sem sentimentos genuínos.

### **Considerações finais**

Esta obra apaixonou o leitor logo em suas primeiras páginas, seja por estabelecer identificação intrínseca imediata, por ser atemporal, por parecer uma simples história de amor ou ainda uma comédia irônica, seja por dizer o que não se pode ou poderia dizer. A leitura instiga uma autorreflexão, sobre as pessoas que nos cercam seus comportamentos, suas qualidades, defeitos e reais interesses. Quem aprecia o enredo, não sairá da mesma forma ao finalizar suas páginas, e esta é a faculdade da literatura, a de transformar intimamente o leitor consciente ou inconscientemente.

Ao se tornar escritora, Jane Austen tinha um leque de opções para qual temática se voltar, principalmente por ter crescido em volta de livros, por influência de seu pai. A autora escolheu usar seu amor pela escrita para protestar de forma lúcida e inteligente o papel destinado às mulheres em seu período. Ela poderia ter escrito unicamente romances ou como na época estava em alta, histórias de fantasmas e terror. Porém ao contrário do que se esperava, Austen se dedicou a descrever a sociedade em que vivia, com personagens tão reais que claramente foram inspirados em seu meio de convívio.

Conclui-se então que é de grande importância o estudo e análise de livros e textos dos séculos passados para entender as mudanças que ocorrem com o tempo e como a sociedade daquela determinada época funcionavam. No caso de Jane Austen, sua inquietação a levou a criar personagens que não condiziam com os exemplos que ela via no período em que viveu, e isso faz com que muitos autores afirmem que ela é uma *mente a frente de seu tempo*. A escritora dá voz às mulheres com personagens tão desenvolvidas e livres quanto à alma da escritora. Suas personagens têm características que já deslumbravam o futuro, de uma realidade em que a mulher tem direito à educação, à liberdade de expressão e que não depende de ninguém para alcançar seus objetivos.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, I. V. de S. **As representações de educação feminina nos filmes/romances de Jane Austen**. 2014. p.1-35. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. São Gonçalo. 2014.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito (1813)**. Tradução de: Lúcio Cardoso. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

BARROS, S. A. de. **Representações das personagens femininas de orgulho e preconceito, de Jane Austen**. 2013. p.1-92. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2013.

BIGUELINI, E. **Uma união de mentes - casamento e educação das mulheres na obra de Jane Austen e Elizabeth Inchbald**. 2012. p.1-101. Dissertação de Mestrado – Universidade de Coimbra, Portugal, 2013.

DERESIEWICZ, W. **Aprendi com Jane Austen**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DOWRY MARRIAGE CUSTOM: **Enciclopédia Britânica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/dowry>. Acesso em: 25 set. 2019.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

MADELLA, T.; MILESKI, D. R. **O uso da ironia como crítica às relações sociais em 'Orgulho e Preconceito'**. Revlet- Revista Virtual de Letras, v. 10, p. 531-544, 2018. Disponível em: [www.revlet.com.br/artigos/485.pdf](http://www.revlet.com.br/artigos/485.pdf). Acesso em: 29 out. 2019.

PACHECO, M. R.; SOUZA, F. F. de. **A representação da voz feminina nas personagens centrais de Austen em Emma e Orgulho e Preconceito**. Ave Palavra (UNEMAT) ed.11, p.1-22, 2011. Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/11/11.htm>. Acesso em: 31 out. 2019.

PINA, G. S. **“História da Inglaterra”, de Jane Austen: comentários sobre um exercício de tradução**. 2018. p. 1-64. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2018.

VASCONCELOS, S. G. T. **Construções do feminino no romance inglês do século XVIII**. Polifonia (UFMT), Cuiabá, v. 3, n. 2, p. 85-100, 1995.

ZARDINI, A. S. **O universo feminino nas obras de Jane Austen**. Em Tese, [S.l.], v. 17, n.2, p.156-169, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3731/3695>. Acesso em: 17 nov. 2019.